

RORSCHACH E A FABRICAÇÃO DA SUBJETIVIDADE MODERNA
RORSCHACH AND THE FABRICATION OF MODERN SUBJECTIVITY
RORSCHACH Y LA FABRICACIÓN DE LA SUBJETIVIDAD MODERNA

Heittor Luís Alves de Oliveira¹

RESUMO: Este artigo buscou analisar o Teste de Rorschach não como instrumento psicométrico, mas como um artefato histórico-cultural ativo na construção da subjetividade moderna. Mediante uma revisão bibliográfica qualitativa e análise crítico-interpretativa, fundamentada em autores como Foucault e Hacking, o estudo examina o contexto intelectual (psiquiatria, psicanálise, modernismo) que tornou possível e desejável a crença em que manchas de tinta poderiam revelar o íntimo. Os resultados evidenciam que o teste opera em um paradoxo fundamental entre hermenêutica e positivismo, e que sua persistência deve-se menos à validade empírica e mais à sua potência como dispositivo narrativo e “tecnologia do eu”. Conclui-se que o Rorschach não refletiu, mas fabricou um sujeito psicológico dotado de profundidade interpretável, oferecendo uma lente crítica para questionar os fundamentos das práticas psicológicas contemporâneas.

Palavras-chave: Teste de Rorschach. Subjetividade Moderna. Dispositivo Psicológico.

ABSTRACT: This article aimed to analyze the Rorschach Test not as a psychometric instrument, but as a historical-cultural artifact active in the construction of modern subjectivity. Through a qualitative bibliographic review and critical-interpretative analysis, grounded in authors such as Foucault and Hacking, the study examines the intellectual context (psychiatry, psychoanalysis, modernism) that made it possible and desirable to believe that inkblots could reveal the intimate self. The results show that the test operates on a fundamental paradox between hermeneutics and positivism, and that its persistence is due less to empirical validity and more to its potency as a narrative device and "technology of the self." It is concluded that the Rorschach did not reflect but fabricated a psychological subject endowed with interpretable depth, offering a critical lens to question the foundations of contemporary psychological practices.

Keywords: Rorschach Test. Modern Subjectivity. Psychological Device.

RESUMEN: Este artículo buscó analizar el Test de Rorschach no como un instrumento psicométrico, sino como un artefacto histórico-cultural activo en la construcción de la subjetividad moderna. Mediante una revisión bibliográfica cualitativa y un análisis crítico-interpretativo, fundamentado en autores como Foucault y Hacking, el estudio examina el contexto intelectual (psiquiatria, psicoanálisis, modernismo) que hizo posible y deseable creer que las manchas de tinta podrían revelar la intimidad. Los resultados evidencian que el test opera en una paradoja fundamental entre hermenéutica y positivismo, y que su persistencia se debe menos a la validez empírica y más a su potencia como dispositivo narrativo y "tecnología del yo". Se concluye que el Rorschach no reflejó, sino que fabricó un sujeto psicológico dotado de profundidad interpretable, ofreciendo una lente crítica para cuestionar los fundamentos de las prácticas psicológicas contemporáneas.

Palabras clave: Test de Rorschach. Subjetividad Moderna. Dispositivo Psicológico.

¹Professor e Pesquisador, M.Sc. em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGP) da Christian Business School - CBS.

INTRODUÇÃO

Há um século, um psiquiatra e psicanalista suíço jogava tinta em papel, dobrava-o ao meio e criava um conjunto de imagens que se tornaria um dos ícones mais duradouros e paradoxais da psicologia. Mais do que um instrumento técnico, o *Teste de Rorschach* transcendeu os consultórios para se instalar no imaginário cultural global, referenciado em filmes, seriados, charges e memes. E a simples alusão às “manchinhas” traz a mente, no senso comum, a promessa de desvendar segredos íntimos, de revelar o que há de mais obscuro e verdadeiro na personalidade, e esta penetração cultural é, em si, um fenômeno digno de análise.

Como uma ferramenta clínica baseada na interpretação subjetiva de formas abstratas, o Teste de Rorschach ²conquistou tal estatuto de “raio-X da alma”? A questão que orienta este artigo, no entanto, não é de ordem psicométrica; não se trata aqui de entrar no já saturado debate sobre sua validade ou confiabilidade como teste psicológico. Este texto surge como um desdobramento reflexivo de uma investigação de mestrado em psicologia que, em seu curso principal, realizou uma revisão sistemática da literatura sobre o Rorschach. O contato sistemático com essa produção empírica não só evidenciou a persistência do debate psicométrico, mas também revelou, de forma recorrente, os pressupostos histórico-culturais não interrogados que sustentam o teste. Assim, a reflexão aqui proposta dialoga com as lacunas dessa revisão: se o mapeamento sistemático buscou responder ao “o que se diz” sobre o Rorschach na literatura técnica, este artigo busca compreender “por que se diz”, ou seja, investiga as condições de possibilidade que tornaram inteligível e desejável um instrumento como esse.

2

A base empírica da revisão serve, portanto, como ponto de partida diagnóstico, identificando o terreno de controvérsias a partir do qual se ergue a indagação filosófica central deste trabalho: qual foi o contexto histórico e intelectual que tornou não apenas plausível, mas desejável, acreditar que a subjetividade humana poderia ser decifrada através de manchas de tinta em papel?

Para encontrar uma resposta, é necessário afastar-se do olhar interno da psicologia sobre seu próprio instrumento e adotar uma perspectiva mais ampla, ancorada nas humanidades. Partimos do pressuposto de que os artefatos científicos não nascem do nada, mas são criações

²No Brasil, a aplicação, interpretação e comercialização do Teste de Rorschach é de uso restrito a psicólogos devidamente habilitados, conforme regulamentação do Conselho Federal de Psicologia (Resolução CFP nº 009/2018), que regulamenta o uso de testes psicológicos no país. As pranchas que compõem o teste são consideradas material sigiloso, cujo acesso e divulgação são controlados para preservar sua validade técnica e ética.

de seu tempo, cristalizando crenças, anseios e estruturas de pensamento dominantes, o Teste de Rorschach, nesse sentido, é mais do que um teste; é um artefato cultural da modernidade psicológica. Sua ascensão, por volta de 1920 a 1950, coincide com um período de profunda transformação na maneira como o Ocidente concebia o “eu”. A psicanálise já havia estabelecido a ideia de um inconsciente dinâmico, enquanto a psiquiatria buscava, ansiosamente, métodos para tornar esse interior invisível mensurável e classificável. Havia, nas palavras de Foucault (2006), uma verdadeira “vontade de saber” sobre o sujeito, um impulso de transformar a vida interior em objeto de conhecimento científico, e nesse caldo cultural, o Rorschach surgiu como uma resposta elegante e poderosa, que materializava, em dez cartões, a crença de que o íntimo se projetaria no ambíguo.

É precisamente nesse ponto que reside o problema central que este artigo pretende explorar. O Teste de Rorschach opera em um paradoxo fascinante, pois seu poder supostamente consiste na ambiguidade fundamental do estímulo (a mancha é, por definição, polissêmica), mas sua legitimidade sempre foi buscada através da codificação rigorosa e da objetivação de suas respostas, como bem exemplifica a monumental empreitada de Exner (1993) com seu “Sistema Compreensivo”. Este paradoxo expõe uma tensão constitutiva no coração do projeto psicológico moderno: a tensão entre a *hermenêutica*, ou seja, a arte da interpretação de sentidos profundos e singulares, e o *positivismo*, que é a demanda por dados empíricos, confiáveis e generalizáveis. O Teste de Rorschach é, portanto, um palco privilegiado onde se encena o drama maior da psicologia em sua busca por um estatuto científico.

A partir dessa perspectiva, este artigo propõe uma análise histórico-filosófica do Teste de Rorschach, cujo objetivo é examiná-lo menos como um instrumento de diagnóstico e mais como um dispositivo, no sentido dado por Foucault, ativo na própria fabricação de uma certa ideia de subjetividade no século XX. Argumenta-se que o Rorschach não foi um simples espelho que refletia uma interioridade preexistente, mas uma ferramenta que participou ativamente da construção de um sujeito psicológico específico: um sujeito dotado de profundidade, cuja verdade residiria em camadas ocultas, acessíveis apenas através de rituais especializados de interpretação.

Se, no século XX, a tensão do Rorschach se deu entre hermenêutica e positivismo, o cenário contemporâneo introduz novos interlocutores. A neurociência cognitiva, por exemplo, ao buscar correlatos neurais para processos de interpretação ambígua, pode parecer oferecer uma nova base de objetividade ao teste, porém, tal movimento pode também ser lido como a atualização do mesmo impulso positivista de naturalizar a subjetividade. Paralelamente,

críticas metodológicas atualizadas, como as oriundas da psicometria robusta (ex.: movimentos de *preregistration* e *open science*), reforçam a precariedade do Rorschach como instrumento de medida generalizável, mas, ironicamente, podem reforçar seu apelo cultural como narrativa alternativa à quantificação reducionista. Reconhecer esses deslocamentos confirma a tese aqui defendida, ao mostrar como o dispositivo Rorschach continua a se reconfigurar, mantendo-se como pivô de debates fundamentais sobre quem somos e como podemos ser conhecidos.

Esta análise se justifica pela oportunidade única que o Rorschach oferece de observar, em um objeto concreto, a convergência de forças históricas, epistemológicas e culturais. A importância do estudo reside no seu potencial para iluminar, a partir de um caso emblemático, os alicerces muitas vezes não questionados sobre os quais se ergueram práticas psicológicas fundamentais. Ao entender os condicionamentos que tornaram este teste possível e acreditável, podemos refletir com maior clareza sobre as premissas que ainda hoje fundamentam nossa busca por compreender e medir a mente humana.

A GÊNESE DE UMA IDEIA NO CONTEXTO QUE PEDIU UMA “MANCHA”

O surgimento do Teste de Rorschach não foi um evento isolado ou uma genialidade que brotou do nada, foi, antes de tudo, a resposta material a uma série de questões que uma época inteira se fazia. Para compreender a natureza de uma “mancha de tinta” transformada em oráculo psicológico, é preciso primeiro desenhar o mapa intelectual do mundo que a criou. Esse era um mundo em transição, marcado por uma psiquiatria que almejava métodos concretos, pela crescente popularização das ideias psicanalíticas e por uma sensibilidade cultural que começava a enxergar valor estético e simbólico no ambíguo e no irracional. E foi nesse enredo que Hermann Rorschach, conseguiu sintetizar esses fios dessemelhantes em um instrumento singular.

No final do século XIX e início do XX, a psiquiatria vivia uma tensão profunda entre suas ambições científicas e os mistérios de seu objeto de estudo, que é a mente humana. O modelo organicista, que buscava lesões cerebrais para explicar a loucura, por exemplo, mostrava seus limites, ao mesmo tempo, práticas como a frenologia³, que mapeava faculdades mentais no crânio, já eram vistas com ceticismo pela comunidade científica emergente. Havia uma

³ Pseudociência do século XIX que afirmava que a personalidade, o caráter e as capacidades mentais de uma pessoa poderiam ser medidos pela análise das protuberâncias e depressões no formato de seu crânio, associando áreas específicas do cérebro a funções mentais e acreditando que o desenvolvimento dessas faculdades deixava marcas externas (Goldberg; Goldberg, 2018).

urgência por métodos que oferecessem acesso ao funcionamento psíquico de forma mais direta e, preferencialmente, mensurável.

O historiador da psicologia Danziger (1990) descreve bem esse clima de busca metodológica ao mencionar que,

A psicologia científica nascente estava profundamente comprometida com o projeto de converter qualidades subjetivas em quantidades objetivas. O que não pudesse ser medido, contado ou registrado em um gráfico tendia a ser visto como fora do domínio da ciência propriamente dita. Essa pressão por objetificação não era apenas técnica, mas social, refletindo a necessidade da nova disciplina de se legitimar perante as ciências naturais estabelecidas (Danziger, 1990, p. 78).

Nesse contexto, a psicanálise surgiu como um terremoto intelectual. Freud (1900; 1996), considerado o “pai da psicanálise”, propôs que a maior parte da vida mental era inconsciente e que sintomas, sonhos e atos falhos eram “formações de compromisso” desse material reprimido. A grande inovação foi o método da associação livre, que buscava acessar esse conteúdo de forma indireta.

Freud (1996) defendia que,

A tarefa da interpretação de sonhos é traduzir o simbolismo que ocorre no conteúdo manifesto do sonho. Com esse fim, o emprego da associação livre é nossa guia segura: nossas expectativas, devemos insistir, devem ser despertadas por cada uma das ideias que ocorrem ao paciente (Freud, 1996, p. 341).

Esse princípio de que o inconsciente se revela através de símbolos e narrativas projetadas, criou um *Zeitgeist*, termo alemão que significa “espírito da época”, utilizado para se referir ao clima intelectual, cultural e moral predominante de um período histórico específico, capturando as ideias, crenças, tendências e valores dominantes que moldam uma sociedade, momento que podemos chamar de “cultura da projeção”.

Se o interior era inacessível, ele precisava ser interpretado. Essa crença não se restringia ao consultório, pelo contrário, ecoava profundamente nas vanguardas artísticas, especialmente no *Surrealismo*, um movimento, liderado por André Breton, que era psiquiatra e leitor de Freud, buscava deliberadamente explorar o inconsciente. O próprio Breton, em sua obra “Manifesto do Surrealismo”, publicada inicialmente em 1924, definia o movimento como:

Automatismo psíquico puro, pelo qual se pretende exprimir, verbalmente, por escrito ou de qualquer outra maneira, o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, na ausência de qualquer controle exercido pela razão, fora de qualquer preocupação estética ou moral (Breton, 1969, p. 48).

A valorização do acaso, do ambíguo, do irracional e do simbólico na arte surrealista criava um paralelo cultural impressionante com o que Rorschach fazia no campo científico, pois, enquanto os artistas viam formas em manchas para expressar verdades internas, Rorschach vislumbrava nelas uma ferramenta de diagnóstico.

Foi nesse limbo entre ciência, psicanálise e arte que a formação única de Hermann Rorschach se mostrou decisiva. Filho de um professor de desenho, seu apelido de infância era *Klex* ("borrão de tinta" em tradução livre do alemão), devido ao fato de que Rorschach possuía gosto pela klecksografia⁴. Essa dupla influência é destacada por Searls (2017), quando afirma que,

A vida de Rorschach foi uma constante negociação entre seus dois lados: o artista e o cientista. Ele via o mundo com os olhos de um pintor, atento à forma, à cor, à composição e à textura. Mas ele também pensava como um médico, treinado para observar sintomas, classificar dados e buscar diagnósticos claros. O Teste de Rorschach é, em sua essência, a ponte que ele construiu entre essas duas formas de ver (Searls, 2017, p. 45)

Formado em medicina na prestigiosa Universidade de Zurique, Rorschach foi profundamente influenciado pelos estudos do psiquiatra suíço, Eugen Bleuler, que cunhou o termo "esquizofrenia", e pelo ambiente psicanalítico local, sua principal obra, o *Psychodiagnostik* (1921), inclusive, nasceu dessa síntese. Nele, Rorschach não se interessava apenas pelo que era visto, mas pela forma como a percepção se dava, por isso operacionalizava a projeção psicanalítica em um sistema que aspirava à objetividade.

Epston (2004), analisando a contribuição de Rorschach, reflete sobre esse paradoxo, e esclarece que,

A genialidade de Rorschach foi encapsular a tensão fundamental de sua época em dez lâminas. De um lado, a herança romântica e psicanalítica, que via na mancha ambígua um convite à projeção da singularidade subjetiva. De outro, o imperativo científico moderno, que exigia categorização, contagem e comparação. O teste é, portanto, um artefato híbrido, um "objeto fronteiro" que tenta habitar dois mundos epistêmicos radicalmente diferentes (Epston, 2004, p. 112).

Portanto, o Teste de Rorschach não foi uma criação "*ex nihilo*", como se fala em latim para expressar algo que surge do nada. Muito pelo contrário, o teste foi o produto de um contexto específico; da psiquiatria ansiosa por um método, da psicanálise que legitimou a projeção, da cultura modernista que celebrou o ambíguo e, finalmente, da trajetória singular de um homem que soube costurar esses elementos com os fios de sua dupla formação. A "mancha", antes um simples borrão, foi alçada à categoria de janela para a alma por uma época que, desesperadamente, queria enxergar através dela, queria ver as profundezas da mente humana para entender o indivíduo a partir de seu inconsciente.

⁴ Arte de criar desenhos e figuras a partir de manchas de tinta aleatórias.

A DUPLA FACE DO RORSCHACH

O Teste de Rorschach se sustenta sobre um paradoxo fundamental: como pode um estímulo deliberadamente sem forma, uma mera mancha de tinta, fundamentar uma prática que busca produzir conhecimento objetivo sobre a personalidade humana? Esta não é uma questão marginal, mas o cerne da longa controvérsia que cerca o instrumento. A história do seu uso é a história da tensão permanente entre duas formas de compreender a psique: a hermenêutica, que valoriza a interpretação infinita e a singularidade do sujeito, e o positivismo, que almeja a codificação exata e a comparação estatística. Para navegar por este dilema, é preciso primeiro desmontar a premissa que parece torná-lo simples, a ideia de "projeção".

A hipótese projetiva, herdeira direta da psicanálise freudiana, ofereceu a primeira grande justificativa para o uso das manchas, pois, em sua forma popular, sugere que a mente "projeta" seus conteúdos internos sobre o estímulo ambíguo. No entanto, essa visão é excessivamente simplista, o próprio Freud, ao discutir o mecanismo de defesa da projeção, a descreve como um processo complexo e não como um despejo passivo. Em sua obra "A Interpretação dos Sonhos", ele estabelece a base para entender como o inconsciente se expressa de forma cifrada, explicando que,

A tarefa da interpretação de sonhos é traduzir o simbolismo que ocorre no conteúdo manifesto do sonho. Com esse fim, o emprego da associação livre é nossa guia segura: nossas expectativas, devemos insistir, devem ser despertadas por cada uma das ideias que ocorrem ao paciente (Freud, 1996, p. 341).

7

Freud (1996) não fala de uma projeção direta, mas de uma tradução de símbolos. O sonho, assim como a mancha de Rorschach, é um "conteúdo manifesto" que exige interpretação, e a chave está no método: a associação livre, um processo dialógico e aberto. Transpor isso para o Rorschach significa que a resposta do examinando não é um reflexo puro, mas uma narrativa construída a partir de um diálogo entre a ambiguidade da mancha e o repertório psíquico e cultural do indivíduo. Assim, a mancha não é uma tela em branco; ela impõe constrangimentos formais (simetria, contornos, sombras) que delimitam o campo do possível, e o que chamamos de "projeção" é, na verdade, um ato criativo de dar sentido ao ambíguo dentro de certos limites.

A consequência imediata desse entendimento foi um problema prático gigantesco, tendo em vista que: se cada resposta é uma narrativa singular, como compará-las, medi-las e transformá-las em diagnóstico confiável? A história do Rorschach após a morte de seu criador é a crônica da tentativa de resolver este impasse, sistemas de pontuação rivais, como os de Beck,

Klopfer e Piotrowski⁵, proliferaram, cada um com suas regras e ênfases teóricas. A falta de padronização minava a confiabilidade do teste, a solução veio Exner e seu “Sistema Compreensivo”, um empreendimento colossal de padronização que dominou o campo a partir da década de 1970, ele buscou criar um método tão rigoroso que a subjetividade do examinador fosse contida por um protocolo burocrático (Boscolo, 2015).

Boscolo (2015) descreve esse projeto como a tentativa de submeter o Rorschach ao ideal científico positivista, enfatizando que,

O Sistema Compreensivo de Exner tenta, através de uma codificação minuciosa e de uma normatização estatística massiva, transformar o Rorschach em um instrumento psicométrico. O foco desloca-se da qualidade da experiência narrativa do sujeito para a quantificação de seus elementos. A riqueza clínica da resposta individual é frequentemente perdida em detrimento da sua redução a um código alfanumérico que alimenta fórmulas predeterminadas (Boscolo, 2015, p. 78).

Sem dúvidas, Boscolo (2015) captura com precisão a essência do projeto de Exner: uma “conversão epistemológica”. A resposta narrativa é desmontada, seus elementos recebem códigos, e o significado clínico emerge do cruzamento desses dados com tabelas normativas. A “riqueza clínica” é sacrificada em nome da objetividade mensurável, o sistema de Exner pode ser visto, portanto, como o ápice do esforço para domar, através da codificação, a natureza hermenêutica e interpretativa inerente ao teste.

No entanto, essa sofisticação técnica apenas desloca a questão filosófica mais profunda; o que é, afinal, um “fato” no universo do Rorschach? Quando um avaliador codifica uma resposta como “MOR” (Resposta de Conteúdo Mórbido)⁶ ou calcula um “Índice de Depressão”, está lidando com uma descoberta sobre a mente ou com uma construção linguística estabilizada por convenção profissional? Para refletir sobre isso, recorreremos ao filósofo da ciência Ian Hacking e seu conceito de “tipos interativos” (*interactive kinds*).

Hacking (1999) argumenta que, nas ciências humanas, as classificações que inventamos para descrever as pessoas não são meras etiquetas neutras, elas interagem com os próprios indivíduos classificados, alterando sua autopercepção e seu comportamento. Este é um ponto crucial para desnaturalizar os “fatos” do Rorschach.

Para Hacking (1999),

Os tipos interativos são aqueles que podem influenciar as pessoas que são classificadas sob esses tipos. [...] As pessoas podem tornar-se conscientes de como são classificadas e modificar seu comportamento em conformidade. [...] O que era verdadeiro a seu

⁵Os sistemas de pontuação de Beck, Klopfer e Piotrowski são abordagens diferentes e historicamente significativas para a aplicação, codificação e interpretação do Teste de Rorschach (vide autores).

⁶ Uma resposta “MOR” é pontuada quando o sujeito descreve um objeto nas manchas de tinta como estando danificado, estragado, destruído, morto, mutilado, ferido ou disfuncional (Ex.: um animal morto, etc.).

respeito deixa de sê-lo. Novos modos de ser surgem. Pessoas classificadas de certa maneira podem resistir à classificação, ou abraçá-la, ou tentar ignorá-la. [...] Eles podem até mesmo tentar mudar as classificações que as ciências humanas lhes impõem (Hacking, 1999, p. 115-116).

Um "determinante de sombra" (V, Y) ou um "Índice de Hipervigilância" (HVI)⁷ são categorias de um sistema de descrição que ganham realidade na prática clínica. O "fato" clínico, portanto, é o produto de uma triangulação: o estímulo ambíguo, a performance narrativa do examinando e o sistema classificatório partilhado pela comunidade de psicólogos. É importante ressaltar que o teste não descobre uma patologia pré-existente de forma neutra; ele a invoca e a nomeia através de sua lógica interna, mas isso não torna o instrumento inútil, porém exige que entendamos seu papel como um dispositivo que elicitava certas performances do "eu", que são então interpretadas através das lentes de um sistema convencionado (Hacking, 1999; Gergen, 2001).

Essa natureza construída explica a resiliência das críticas ao Rorschach, que frequentemente atacam sua validade e confiabilidade. Os críticos apontam que, por trás da aparente objetividade dos números, ainda reside uma grande dose de interpretação subjetiva na aplicação das próprias regras de codificação. O paradoxo, portanto, permanece insolúvel, o Rorschach é um método que deve sua potência clínica à abertura hermenêutica da mancha, mas que, para ser aceito como ciência, buscou incessantemente aprisionar essa abertura nas grades de um código positivista. Reconhecer esta tensão não é invalidar o teste, mas compreendê-lo em sua verdadeira complexidade.

Conforme cita Boscolo (2015), a busca por uma objetividade absoluta pode ser ilusória, considerando que,

A pretensão de transformar o Rorschach em um instrumento puramente objetivo é, em última instância, uma negação da sua natureza essencialmente semiótica e interpretativa. O verdadeiro poder diagnóstico do teste reside justamente na capacidade do clínico de navegar na tensão entre o dado codificado e a narrativa singular, entre o número e o sentido (Boscolo, 2015, p. 122).

Nesse sentido, a epistemologia da mancha é, no fim, a epistemologia de um diálogo permanente, entre a ambiguidade que provoca a fala e o código que tenta capturá-la, entre a arte clínica e a ambição científica. O Rorschach, em sua dupla face, é a encarnação perfeita desse diálogo nunca resolvido no coração da psicologia.

⁷Medida utilizada em psicologia clínica, especificamente como parte da avaliação com o método do Rorschach (Sistema Compreensivo). Ele não é um questionário independente, mas sim um indicador complexo baseado em um conjunto de variáveis extraídas das respostas do paciente ao teste de manchas de tinta.

O DISPOSITIVO RORSCHACH: O RITUAL, O NOME E O MITO

A trajetória do Teste de Rorschach no século XX revela um fenômeno intrigante: sua notável resiliência. Enfrentando uma crise severa de validade nas últimas décadas, com críticas consistentes sobre sua confiabilidade e poder preditivo vindas da psicomетria mais rigorosa, o teste não foi arquivado como uma curiosidade histórica, persistiu, encontrando um nicho duradouro em certos domínios clínicos, psicanalíticos e forenses. Para compreender essa persistência, que parece desafiar critérios puramente científicos, é necessário um deslocamento de perspectiva.

Por isso vamos analisar o Rorschach menos como um instrumento de medição e mais como um dispositivo de formação, examinando-o como uma prática social e discursiva que, ao buscar descrever a subjetividade, participa ativamente de sua construção. Percorreremos, então, o ritual que transforma uma pessoa em “examinando”, refletiremos sobre o poder constituinte da linguagem diagnóstica e buscaremos entender por que um instrumento tão criticado continua a oferecer uma narrativa convincente sobre quem somos.

A fabricação de um sujeito psicológico pelo Rorschach começa no exato momento da aplicação, em que o cenário é cuidadosamente coreografado; um ambiente controlado, um examinador que assume uma postura de neutralidade técnica, uma série de pranchas apresentadas em ordem invariável e uma instrução aparentemente simples, mas fundamentalmente vaga. Este protocolo não é um mero preâmbulo neutro para a coleta de dados, ele institui um ritual científico que estabelece, desde o início, uma relação assimétrica de poder e saber. O indivíduo é posicionado na função específica de “examinando”, um papel que exige dele uma performance peculiar, a de narrar o invisível, de dar forma verbal ao ambíguo, dentro dos limites silenciosos impostos pela situação.

É necessário ressaltar que, não se trata de uma conversa livre, mas de uma produção de fala altamente dirigida. O examinador, por sua vez, é aquele que detém o controle do procedimento, do tempo e, principalmente, da chave interpretativa que será posteriormente aplicada às palavras do examinando. Esse enquadramento ritualístico é produtivo; ele não encontra um sujeito pronto, mas gera um tipo específico de sujeito, aquele que se oferece, através de suas associações, à autoridade interpretativa de um sistema especializado de conhecimento.

O produto mais visível desse ritual é o laudo psicológico, pois é nesse documento que a tradução se completa; respostas singulares, por vezes enigmáticas ou poéticas, são processadas

através de um sistema de códigos e convertidas em um léxico técnico. Conceitos como “fronteiras frágeis do ego”, “pensamento ideacional” ou “afetividade lábil” deixam o domínio da metáfora clínica para se tornarem categorias diagnósticas operacionais que descrevem, e em certa medida definem, a pessoa. Esse ato de nomeação é muito mais do que descritivo; é performático e confere uma identidade psicológica autorizada, uma narrativa sobre o “eu” que é endossada pela ciência psicológica e reconhecida por instituições como a clínica, a justiça ou a escola (Hacking, 1999)

Esse processo pode ser iluminado pelo conceito de “tecnologias do eu”, desenvolvido por Foucault (2006) em suas investigações sobre as práticas de subjetivação na Antiguidade, com pleno interesse em como os indivíduos são convidados a operar transformações em si mesmos. Na obra “A Hermenêutica do Sujeito”, ele define essas tecnologias como práticas como “práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra” (Foucault, 2006, p. 50).

Dessa perspectiva, o laudo do Rorschach pode ser visto como uma tecnologia do eu moderna e secular. Ao oferecer um diagnóstico, ele não apenas informa, mas interpela o sujeito: convida-o a se reconhecer naquela descrição, a revisar sua própria história à luz daqueles conceitos, a observar seus comportamentos através daquela lente específica. A diagnose, portanto, não revela uma verdade interior preexistente; ela oferece os termos linguísticos e os quadros interpretativos a partir dos quais uma verdade sobre o self pode ser elaborada e vivida.

Essa noção de que a classificação psicológica é uma intervenção ativa, e não um simples espelho, encontra eco no trabalho de Hacking e seu conceito de “*looping effect*” (repetição contínua). Hacking (1999) argumenta que, nas ciências humanas, as categorias que criamos para classificar as pessoas diferem radicalmente das categorias das ciências naturais. Enquanto um elétron não se altera por sabermos que é um elétron, os seres humanos reagem às maneiras como são classificados. Em sua obra “O constructo social de quê?”, Hacking (1999) observa que,

[...] as pessoas classificadas podem estar cientes de como são classificadas e podem mudar de atitude em relação a si mesmas. Mais do que isso, podem mudar seus modos de ser para viver de acordo com, para escapar, ou para se rebelar contra essas classificações. O “efeito de looping” é a característica marcante das ciências humanas (Hacking, 1999, p. 34).

Aplicado ao Rorschach, esse conceito é profundamente revelador. Um indivíduo que recebe um laudo descrevendo “traços esquizoides” ou “vulnerabilidade narcísica” não

permanece alheio a essa informação. Ela pode alterar sua autopercepção, influenciar suas expectativas sobre seu próprio funcionamento e até molda suas interações sociais, potencialmente corroborando, mesmo que involuntariamente, a impressão diagnóstica inicial (Hacking, 1999). O “fato” psicológico deixa de ser um objeto estático descoberto pelo teste e passa a ser um ponto em um ciclo dinâmico e retroalimentado entre a performance do sujeito, a interpretação do especialista e a subsequente atuação do sujeito no mundo. O Rorschach, nessa perspectiva, é um dispositivo que participa ativamente da configuração da realidade que se propõe a medir.

Para tanto, compreender o teste como um dispositivo de formação de subjetividade nos permite finalmente decifrar seu paradoxal destino histórico. Críticas consistentes sobre sua confiabilidade e poder preditivo vindas da psicometria mais rigorosa foram devastadoras em seu terreno de escolha (Meehl, 1954; Dawes, 1994; Lilienfeld, Lynn e Lohr, 2003). Elas apontaram a falta de confiabilidade entre avaliadores, a validade questionável para muitos construtos e a suscetibilidade a vieses. Sob os rigorosos critérios do paradigma empírico-estatístico, o Rorschach deveria ter sido abandonado, mas, sua persistência sinaliza que ele opera e é valorizado em um registro que transcende, ou pelo menos complementa, a pura métrica.

Sua força parece radicar em sua potência narrativa e cultural. Em uma sociedade que, desde a difusão da psicanálise, internalizou a ideia de um “eu” profundo e narrável, o Rorschach oferece uma cerimônia de revelação, ele fornece uma história autorizada e complexa sobre a interioridade, uma história que tem começo (a aplicação), meio (a interpretação) e fim (o laudo). Para o clínico de orientação psicodinâmica, essa narrativa oferece uma riqueza de material sobre conflitos e processos inconscientes que um escore em um questionário de autorrelato dificilmente proporcionaria; para o paciente, é possível que ela ofereça um senso de coerência e profundidade para seu sofrimento (Giddens, 2002; Rose, 2011).

A resiliência do Rorschach, portanto, não é uma falha da ciência, mas um sintoma de uma necessidade humana que persiste não porque prova com precisão infalível, mas porque persuade; não porque mede traços de forma isolada, mas porque tece uma narrativa convincente sobre a totalidade da pessoa. Ele fabrica o sujeito psicológico, sim, mas o faz dentro de um pacto cultural que ainda ansiamos por celebrar: o pacto de que nossa vida interior é uma história que pode, e deve, ser decifrada por um especialista.

MATERIAIS E MÉTODO DA PESQUISA

Para investigar a questão proposta, o presente estudo adota como percurso metodológico a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, visando uma análise crítica e interpretativa da produção acadêmica sobre o tema. A opção por esse delineamento fundamenta-se nos pressupostos de Gil (2002), para quem a pesquisa bibliográfica permite o exame profundo de um tema a partir de fontes já publicadas, organizando e sistematizando informações dispersas com o objetivo de conferir novos significados ao objeto de estudo.

Esta abordagem é complementada pela perspectiva de Minayo (2015), que enfatiza a pesquisa social como uma atividade criativa, exigindo do investigador uma integração constante entre teoria, método e interpretação crítica para a compreensão de fenômenos complexos. Dessa forma, o método empregado não se resume a uma revisão passiva da literatura, mas configura-se como uma análise interpretativa de conteúdo, voltada para a identificação, nas fontes selecionadas, dos pressupostos culturais, epistemológicos e históricos que sustentaram a ascensão e a legitimação do Teste de Rorschach enquanto artefato científico e cultural.

A constituição do corpus analítico seguiu critérios específicos, detalhados no Quadro a seguir, que orientaram a busca, seleção e organização das fontes para garantir a pertinência, a abrangência e a profundidade da investigação.

13

Quadro 1: Critérios de seleção e constituição do corpus analítico do estudo.

Critério	Descrição Operacional	Função no Estudo
1. Relevância Temática	Seleção priorizou obras cujo foco central é o Teste de Rorschach, abordando-o em suas dimensões histórica (gênese, difusão), epistemológica (status científico, debate validade) ou cultural (representações, imaginário). Manuais puramente técnicos foram considerados apenas quando fundacionais.	Garantir que o corpus dialogue diretamente com o objeto de estudo, transcendendo a aplicação prática para focar em sua significação histórica e filosófica.
2. Caráter Seminal ou Representativo	Inclusão de autores: a) Fundacionais/Sistematizadores do teste: Exner, Beck, Klopfer, Piotrowski. b) Teóricos-chave para análise crítica: Foucault (dispositivo, subjetivação), Hacking (tipos interativos, <i>looping effect</i>), Danziger (história da psicologia).	Assegurar que o corpus contemple tanto as vozes que construíram o instrumento quanto os quadros teóricos que permitem desnaturalizá-lo e analisá-lo criticamente.
3. Diversidade Disciplinar	Busca intencional por produções originárias de diferentes campos do conhecimento: Psicologia (clínica e história da psicologia), História da Ciência, Filosofia (da ciência, epistemologia) e Estudos Culturais .	Permitir uma visão multifacetada e interdisciplinar do Rorschach, capturando suas diversas reverberações no saber.
4. Recorte Temporal e Atualidade	Ênfase em trabalhos dos séculos XX e XXI , cobrindo desde o contexto de surgimento (década de 1920) até debates e críticas contemporâneas. Inclusão de fontes clássicas e análises recentes.	Mapear a evolução do discurso sobre o teste, contextualizando sua trajetória e conectando-a com questionamentos atuais sobre ciência e subjetividade.
5. Estratégia de Busca	Combinação de: a) Busca sistemática em bases indexadas (SciELO, PubMed, PsycINFO) usando descritores como "Rorschach history", "projective test epistemology", "Rorschach and culture". b) Método de snowballing: rastreamento das referências citadas em obras identificadas.	Garantir abrangência na recuperação do material, reduzindo viés de seleção e assegurando a inclusão de obras seminalmente importantes, mesmo que menos indexadas.

Fonte: Autor (2025)

Os procedimentos de análise consistiram em uma leitura crítica e cruzada das fontes que compõem o *corpus*, organizadas conforme os critérios supracitados. Por meio desse exercício hermenêutico, buscou-se reconstituir o contexto intelectual que tornou possível e desejável o surgimento do teste, mapeando o paradoxo central entre a interpretação hermenêutica e a codificação positivista que marca sua trajetória.

Paralelamente, a análise dedicou-se a identificar, nos discursos sobre o Rorschach, os mecanismos discursivos e práticos pelos quais ele opera não como um simples espelho da interioridade, mas como um dispositivo ativo na configuração de uma determinada ideia de subjetividade. A articulação das reflexões dos diversos autores permitiu construir uma interpretação coerente sobre o papel do teste na fabricação do sujeito psicológico moderno.

Este desenho metodológico, portanto, não se limita a descrever aspectos históricos ou técnicos do Rorschach, mas se posiciona como uma ferramenta para interpretá-lo criticamente como um fenômeno situado na interseção entre ciência, cultura e história, cumprindo assim o objetivo central desta investigação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta análise, fica claro que o Teste de Rorschach transcende seu propósito técnico original, revelando-se como um sintoma privilegiado de sua época, uma era que acreditava ser possível cartografar a alma humana com os instrumentos da razão científica. Este estudo demonstrou que o teste não foi um simples espelho da interioridade, mas um dispositivo ativo, nascido da confluência histórica entre a psiquiatria organicista, a psicanálise, a cultura modernista e a trajetória singular de seu criador, sua ascensão e persistência são inseparáveis do contexto intelectual que ansiava por tornar o invisível mensurável, transformando a subjetividade em um objeto de conhecimento.

A investigação confirmou que a tensão constitutiva do Teste de Rorschach, entre a abertura hermenêutica da “mancha de tinta” e o impulso positivista de codificação, é um reflexo de um dilema mais amplo da psicologia. A análise do “Sistema Compreensivo” e a aplicação de conceitos como os “tipos interativos” e o “efeito de *looping*” evidenciaram, de forma sugestiva, que os fatos produzidos pelo teste são construídos em um diálogo entre o estímulo, a performance do sujeito e o sistema interpretativo, não sendo descobertas neutras de uma patologia preexistente, ainda, o Teste de Rorschach configura o que se propõe a medir, atuando como uma tecnologia do “eu” que oferece uma narrativa autorizada sobre o “eu”.

Contudo, a contribuição central deste trabalho reside em oferecer uma leitura histórico-filosófica que desloca o debate do eixo da validade psicométrica para uma compreensão do teste como artefato cultural. Essa perspectiva revela sua resiliência como fruto de uma potência narrativa que atende a uma demanda cultural profunda por sentido e coerência sobre a vida interior, mais do que de sua precisão métrica.

A implicação mais profunda que emerge da análise é que, revisitar tais artefatos com as lentes das humanidades nos obriga a um exame crítico dos fundamentos de nossas próprias práticas psicológicas contemporâneas. Se o Teste de Rorschach participou da fabricação de um sujeito dotado de profundidade inconsciente e interpretável, é necessário perguntar que modelos de subjetividade estamos fabricando hoje com nossos novos instrumentos, questionários padronizados e algoritmos prometendo decifrar a personalidade.

Reconhece-se como limitação deste estudo o seu recorte bibliográfico e interpretativo, que, ao priorizar uma análise filosófica e histórica, não esgota os debates clínicos e empíricos em curso. Para pesquisas futuras, sugere-se a realização de estudos que articulem esta crítica com investigações empíricas sobre a experiência de indivíduos submetidos a diagnósticos baseados no Teste de Rorschach ou em instrumentos contemporâneos, uma linha igualmente fértil seria uma análise comparativa de como os paradoxos entre hermenêutica e positivismo, entre descoberta e construção, se reproduzem ou se transformam nos atuais dispositivos de avaliação digital e inteligência artificial aplicada à mente.

15

Por fim, a tese que se consolida é a de que o legado mais duradouro do Teste de Rorschach pode não residir em sua utilidade clínica, sempre disputada, mas em sua demonstração poderosa de como a cultura transforma instrumentos técnicos em ícones carregados de significado. Ele nos recorda, de maneira efetiva, que a ciência psicológica, mesmo em suas aspirações mais objetivas, é também uma prática cultural, um ritual que reflete e, ao mesmo tempo, molda o modo como uma sociedade pensa sobre si mesma e sobre a misteriosa profundidade de seus indivíduos.

REFERÊNCIAS

- BOSCOLO, Pietro. A ciência e a clínica: reflexões sobre a padronização do Rorschach. São Paulo: Vetor, 2015.
- BRETON, André. Manifestos do surrealismo. Tradução de Sergio Pachá. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1969. (Obra original publicada em 1924).

DANZIGER, Kurt. *Constructing the subject: historical origins of psychological research*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

DAWES, Robyn M. *House of Cards: Psychology and Psychotherapy Built on Myth*. New York: Free Press, 1994.

EPSTON, David. The Rorschach as a cultural artifact. In: *History of Psychology Journal*, v. 7, n. 2, p. 105-120, 2004.

EXNER, John E. (Jr.). *The Rorschach: a comprehensive system. Volume 1, Basic foundations*. 3rd ed. New York: Wiley, 1993.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito: curso no Collège de France (1981-1982)*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GERGEN, Kenneth J. *Terapia como construção social: características, reflexões e evoluções*. In: GONÇALVES, M.; GONÇALVES, O. (Org.). *Psicoterapia, discurso e narrativa: a construção conversacional da mudança*. Coimbra: Quarteto, 2001.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDBERG, Inês; GOLDBERG, Renato. *Psicanálise-Manual De Bolso*. São Paulo: Clube de Autores, 2018.

HACKING, Ian. *O construto social do quê?* Tradução de Roberto Franco. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

LILIENFELD, Scott O.; LYNN, Steven Jay; LOHR, Jeffrey M. (Eds.). *Science and Pseudoscience in Clinical Psychology*. New York: The Guilford Press, 2003.

MEEHL, Paul E. *Clinical versus Statistical Prediction: A Theoretical Analysis and a Review of the Evidence*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1954.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

ROSE, Nikolas. *Inventando nossos eus*. Tradução de Luciana Vieira. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

SEARLS, Damion. *The Inkblots: Hermann Rorschach, His Iconic Test, and the Power of Seeing*. New York: Crown Publishers, 2017.